



Anjos e Demônios na Terra de Yehud: o desenvolvimento dos líderes angélicos e demoníacos durante o Período Sadoquita

Angels and Demons in the Land of Yehud. The Development of Angelic and Demonic Leaders During the Zadokite Period

Gilvan Leite de Araújo ^[a] 

São Paulo, SP, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Como citar: ARAÚJO, Gilvan Leite de. Anjos e Demônios na Terra de Yehud: o desenvolvimento dos líderes angélicos e demoníacos durante o Período Sadoquita. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 03, p. 503-517, set./dez. 2025. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.DS09>

Resumo

A ascensão do sadoquismo em Israel implicava num governo teocrático, cujo sumo-sacerdote tinha em mãos os poderes temporais e espirituais. Tal forma de governo implicava que a população de Judá estava sob a supremacia teocrática. Esta forma de governo pode estar em relação com o declínio do profetismo de Israel e, por outro lado, com o surgimento de uma corrente alternativa e de contestação chamada Literatura Apocalíptica. Esta Literatura apresenta algumas figuras espirituais chamadas de Arcanjos e Demônios. Mas, qual seria, de fato, a importância desses líderes espirituais em relação ao quadro sociopolítico e religioso de Judá neste período? Assim, se deseja descrever o desenvolvimento dessas lideranças angélicas e maléficas e sua possível relação com a vida sociopolítica e religiosa de Judá.

Palavras-chave: Anjos. Demônios. Livro dos Vigilantes. Período Sadoquita. Apocalíptica Judaica.

^[a] Doutor (2007) em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino - Angelico de Roma e Pós-Doutorado em Teologia Bíblica pela Gregoriana de Roma (2017), e-mail: e-maildoautor@email.com

Abstract

The rise of zadokism in Israel implied a theocratic government, whose high priest held both temporal and spiritual powers. This form of government implied that the population of Judah was under theocratic supremacy. This form of government may be related to the decline of prophecy in Israel and, on the other hand, to the emergence of an alternative and contesting current called Apocalyptic Literature. This Literature presents some spiritual figures called Archangels and Demons. But what would, in fact, be the importance of these spiritual leaders in relation to the sociopolitical and religious framework of Judah in this period? Thus, we wish to describe the development of these angelic and evil leaders and their possible relationship with the sociopolitical and religious life of Judah.

Keywords: Angels. Demons. Book of the Watchers. Zadokite Period. Jewish Apocalyptic

Introdução

Com o surgimento do sadoquismo, o governo na mão do sumo-sacerdote, Judá passa a ser dirigida civil e espiritualmente por uma única pessoa. A concentração de poder temporal e espiritual conferia poder absoluto de um governante sobre a nação.

Durante o período do pré-exílio, o monarca possuía apenas o poder civil. Lógico que o trono de Judá subsistia no conceito do trono eterno de Davi (cf. 2Sm 7). Este oráculo conferia estabilidade ao trono. Mas, por outro lado, cabia aos profetas de Israel fazer valer as prerrogativas da Lei dada por Deus ao Povo Eleito. Com efeito, a Lei não se tratava de uma realidade etérea, mas estava na base da legislação do estado. Cabia, portanto, ao profeta reivindicar a reta aplicação da Lei.

O sumo-sacerdote, assumindo a função de governo de estado, além das prerrogativas religiosas, implicava que este governava sob a direção divina. Tecnicamente, contestar o governante era contestar o sumo-sacerdote o qual age sob a vontade de Yhwh. Tal situação pode explicar o declínio do profetismo de Israel. De fato, antes do exílio os profetas estavam diretamente relacionados com a questão de estado, reivindicando mudança quando este se encontrava em contraste com a Lei de Yhwh. No pós-exílio, o profetismo passa a se preocupar com questões de escatologia, messianismo e outros, mas não diretamente com as questões de estado.

Esta mudança de foco poderia ter outra intenção? Tratar de temas como escatologia, messianismo, angeologia, demonologia, problema do mal, teriam a intenção de criticar o cenário político da época. Neste cenário surge a Literatura Apocalíptica, realizando uma crítica social a partir de um quadro simbólico relacionado com o mundo espiritual.

A partir desta perspectiva é que se deseja analisar o desenvolvimento do tema dos líderes angélicos e maléficos e sua importância para a leitura de Judá à época de Yehud.

Os Livros dos Reis (1 e 2Reis) descreviam o motivo pelo qual Israel e Judá haviam caído. No geral, observa-se que o princípio dos erros estava nos governantes. De fato, para todos os reis de Judá e de Israel é descrito como conclusão: “fez mal aos olhos de Yhwh...”. Assim, a partir das lideranças de Israel e de Judá, todo o Povo Eleito se torna ora vítima, ora cúmplice dos erros dos seus dirigentes. Tendo transgredido a Lei, aplica-se a sanção, ou seja, Israel e Judá perdem o direito de posse da Terra Prometida.

No pós-exílio, após o fim abrupto da diarquia Zorobabel-Josué, possivelmente marcado pelo assassinato de Zorobabel, último herdeiro direto da linhagem davídica, o sumo-sacerdote Josué assume como governante de Judá com poder temporal e espiritual, dando início ao período sadoquita. O governo sacerdotal será composto pelo conselho sacerdotal chamado Sinédrio, que se manterá sem presença popular até a ascensão de Alexandra ao trono de Judá, quando os fariseus terão direito de assento no conselho.

O governo sadoquita deixará de existir a partir de 37 a.C. quando Herodes, O Grande, casa-se com a princesa hasmonea Mariana, permitindo a sua subida ao trono de Judá.

O quadro acima leva a pressupor um sumo-sacerdote no trono, que governa realizando a vontade de Yhwh sobre Judá. Contestar o governante seria contestar Yhwh? Esta é a questão de fundo.

Diante dessa realidade, os oráculos proféticos e apocalípticos não mais tratam de execução imediata, mas num tempo vindouro ou passam a analisar o tempo presente a partir dos fatos passados.

Possivelmente a ascensão da apocalíptica, principalmente a periodização histórica, tinha a intenção de avaliar Judá no seu tempo. Entra em jogo o tema do mal, no qual a apocalíptica ora atribui aos anjos (1ª fase = V ao II séc. a.C.), ora aos homens (2ª fase = I séc. a.C.). Em todo caso, o tema do mal descreve o tempo presente dominado pelo mal, mas tal domínio com o fim determinado por Yhwh. Assim, o que os apocalípticos e outros escritos canônicos e não canônicos estão querendo dizer ao tratar do tema do “mal”? No geral, narra-se o “mundo” dominado por seres espirituais benéficos e maléficos atuando na esfera do humano. Fala-se de

espíritos maléficos; seres angélicos e outros. Não negando respectivas existências, a literatura do período sadoquita estaria também usando as imagens destes seres espirituais para uma crítica social?

Anjos no Antigo Testamento

Segundo Araujo (2011, p. 246-247), o período pré-exílico já concebe Deus como rei. Enquanto tal, possui uma corte que o assiste: conselheiros, guerreiros, agentes. Estes divinos seres aparecem frequentemente como um grupo (cf. Gn 28,12; Sl 29,1; 89,6-9) e eram compreendidos como um “conselho” de Deus (cf. Sl 82,1ss, Jr 23,18.22; Jó 15,8). Uma clara descrição deste Conselho reunido e deliberando junto com Deus, como se pode verificar no Primeiro Livro dos Reis:

Eu vi o Senhor assentado sobre seu trono; todo o exército do céu estava diante dele, à sua direita e à sua esquerda (1Rs 22,19).

Possivelmente, por causa do seu lugar privilegiado, os anjos deveriam ser considerados como detentores de conhecimento e discernimento (cf. 2Sm 14,17; 19,28). A narrativa de Gênesis descreve Anjos de Yhwh atuando na caminhada dos Patriarcas de Israel (cf. Gn 15; 31). O Livro do Êxodo descreve o Anjo de Yhwh acompanhando o seu povo pelo caminho do deserto:

Eis que envio um anjo diante de ti para que te guarde pelo caminho e te conduza ao lugar que tenho preparado para ti. Respeita a sua presença e observa a sua voz, e não lhe sejas rebelde, porque não perdoará a vossa transgressão, pois nele está o meu Nome. Mas se escutares fielmente a sua voz e fizeres o que te disser, então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. O meu anjo irá adiante de ti, e te levará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus, e eu os exterminarei (Ex 23,20-23).

Araujo (2011, p. 246), seguindo Bietenhard, concebe a origem angélica em Israel sob a influência de Canaã. Yhwh sempre permaneceu como único poder criador do universo, mesmo que na corte celeste incluía a presença destes. Mas, somente no período pós-exílico é que se encontra um claro desenvolvimento da angeologia judaica, motivado pelas influências babilônica e persa.

Querubins

Para Araujo (2011, p. 247), a questão dos querubins gira em torno do tema da Arca da Aliança. Algumas tradições concebem a Arca da Aliança como sendo um objeto sagrado, representando a própria presença do Senhor; outras a veem apenas como um caixote contendo as duas tábuas da Lei e, ainda, como um escabelo para apoiar os pés do Senhor.

As palavras “querub” (singular) e “querubins” (plural) aparecem mais de noventa vezes no Texto Massorético e sempre em contexto sacro. Não existe uma uniformidade sobre a sua natureza, apenas que são seres alados. Os querubins são apresentados através de duas formas: a) bidimensional – quando aparecem bordados em tecidos ou esculpidos em baixo relevo; b) tridimensional: quando se trata dos seres alados propriamente dito ou suas estátuas (Araujo, 2011, p. 247).

Na forma bidimensional, encontravam-se as cortinas do interior da Tenda Santuário do Deserto, bordadas com figuras querubicas (cf. Ex 26,1.31; 36,8.35). As paredes do Templo, sejam no seu interior, como no seu exterior possuíam, além de palmas e flores, as figuras de querubins entalhados em baixo relevo (cf. 1Rs 6,29; 2Cr 3,7; Ez 41,17-20). As portas e objetos do Templo também eram decorados com entalhes em baixo relevo com querubins (cf. 1Rs 7,29.36) (Araujo, 2011, p. 248).

Na forma tridimensional, encontramos os dois querubins entalhados que faziam parte dos Santuários do Deserto. Dois querubins de ouro com asas estendidas faziam parte da cobertura da Arca, dentro do Santo dos

Santos no Santuário do Deserto (cf. Ex 25,18-22; 37,7-9). No relato de Êxodo, os querubins aparecem unidos ao propiciatório que cobre a Arca e a função de ambos, querubins e propiciatório, é cobrir a Arca e servir de base para o Senhor (Araujo, 2011, p. 248).

O Templo de Jerusalém possuía, também, dois grandes querubins, esculpidos em madeira de oliveira e revestidos em ouro. A expressiva medida dos querubins pode ser sentida quando se fala que suas asas se tocavam entre si e se entendiam por toda a largura do Templo tocando as paredes laterais deste (cf. 1Rs 6,23-28; 8,6-7). Como já citado acima, os querubins possivelmente seriam o trono no qual se assenta o Senhor (cf. 2Rs 19,15) (Araujo, 2011, p. 248).

Em sua forma alada, os querubins aparecem em Gênesis como guardiões do Jardim do Éden, portando “a chama da espada fulgurante” para guardar o caminho da árvore da vida (cf. Gn 3,24).

Segundo o livro do Êxodo, os querubins aparecem sobre a Arca, enquanto no livro dos Reis, ao lado da Arca da Aliança. Além da sua possível função de trono do Senhor (cf. 2Rs 19,15), eles possuem a função de cobertura ou abrigo ou proteção da Arca. Nos textos de Ex 25,20; 37,9 e 1Rs 8,7, eles têm a função de *skk* (cobrir). O relato sacerdotal apresenta o verbo “*skk*” somente indicando a posição da Arca em relação as asas dos querubins. Contudo, em Ex 40,3.21, quem possui a função de cobrir a Arca da Aliança não são os querubins, mas sim o véu (cf. Ex 40,3.21) expresso com o mesmo verbo *skk*. Chama a atenção o texto de 2Cr 28,18, no qual relata que a função dos querubins, além daquele de ser *skk* é, também, a de ser, junto com a Arca, provavelmente, um “carro divino”; não se pode afirmar que se trate um acréscimo accidental do autor. De fato, estabelece contato com o relato da carruagem de fogo de Ez 1 e 10 (Araujo, 2011, p. 249).

Sobre a função dos querubins de ser o trono do Senhor se encontra uma dificuldade em 2Sm 22,11 e em Sl 18,11, nos quais o Senhor aparece cavalgando sobre “um” querubim. No AT os querubins são apresentados em diversas formas, pois se trata de criaturas celestes que ao lado de outras criaturas celestiais (arcanjos, anjos, serafins) formam a “milícia celeste ou exército do céu” e servem a Deus em diversos modos (cf. 1Rs 22,19; Sl 148,2) (Araujo, 2011, p. 249).

Partindo do pressuposto que o propiciatório e os querubins formavam o trono do Senhor, podemos considerar a Arca com a função de “escabelo” do trono, além daquela de ser o abrigo das tábuas da Aliança. Na antiguidade existia a prática de se guardar documentos, escritos e contratos nos templos, em caixas especiais mantidas aos pés de imagens de divindades, era um costume comum entre os egípcios, hititas e, provavelmente, em todo o Oriente Próximo. Estes documentos eram testemunhos (*‘edūt*) ou alianças (*berît*) postos aos pés das divindades que, por sinal, era o lugar mais apropriado para se guardá-los. Que a tradição deuteronomista ou sacerdotal atribuam o nome de Aliança para um e de testemunho para o outro, serve como justificativa de que as tábuas da Aliança se tratem, verdadeiramente, de um documento legal estabelecido entre duas partes (Deus e Israel). O que ajuda a perceber isto é a citação accidental de Dt 31,26, a qual especifica que o Livro da Torá é também posto dentro da Arca da Aliança do Senhor (Araujo, 2011, p. 249-250).

Os símbolos do trono e do escabelo servem também para especificar o Templo como casa de Deus, ou melhor, a casa de Deus possui um trono e um escabelo. Em Is 66,1, quando o Senhor fala da sua morada, Ele especifica que o céu é o seu trono e a terra é o seu escabelo. 2Cr 28,2 relata que a intenção de Davi construir o Templo de Jerusalém é o de pôr a Arca da Aliança do Senhor como “pedestal de nosso Deus” (Araujo, 2011, p. 250).

Pode-se concluir, a partir dos textos apresentados, que a Arca e os querubins nos textos bíblicos do AT assumem a função de trono e escabelo dentro do Templo de Jerusalém, que é a residência terrestre do Senhor, principalmente pela atestação de Ex 25,22 e Nm 7,89 (Araujo, 2011, p. 250).

Serafins

A etimologia da palavra “serafim” apresenta uma dificuldade de compreensão. A palavra hebraica *šārāf* (*šērāfīm*, plural) está relacionada com o verbo hebraico *šrp*, que significa queimar, arder. O ato de fazer queimar/arder levou a relacionar a palavra *šārāf* com serpente, cuja picada queimava, ardia: “*Então Deus enviou contra o povo serpentes ‘abrasadoras’, cuja mordedura fez perecer muita gente em Israel*” (Nm 21,6). Contudo, será com o profeta Isaías que os serafins ganham relevo. De fato, em Is 6,1-7 aparecem estes seres alados: “*...vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado... Acima dele, em pé, estavam serafins, cada um com seis asas: com duas cobriam a face, com duas cobriam os pés e com duas voavam...*” Possivelmente, Isaías use a expressão “serafim” para estes seres alados por causa do aspecto flamejante, resplandecente que eles possuem. Leva-se em conta que os seres alados vistos por Isaías são comparáveis aos querubins de Ezequiel 1 devido ao aspecto luminoso destes. Ambas as imagens (Is 6 e Ez 1) conduzem para o relato de Ap 4 (Araujo, 2011, p. 250-251).

O relato de Is 6 deixa claramente transparecer que tais seres alados possuem formas humanas, possuem pés, mãos, rostos. Assim, como alguns autores querem afirmar, os serafins não possuem nenhuma relação com seres mitológicos, com formas de serpentes. A expressão “serafim” está relacionada com o verbo “queimar”, por causa do aspecto brilhante que possuem. Brilhantes como chama de fogo, simbolizam a pureza e o poder da corte celeste. Estando em relação com Ezequiel, pode-se dizer que são querubins descritos como *šārāf*, em razão da sua aparência brilhante. Contudo, os querubins possuem apenas quatro asas e forma híbrida, enquanto os serafins possuem seis asas (Araujo, 2011, p. 251).

Pela descrição de Isaías parece que os serafins prestam serviço cultural diante do altar de Deus. Eles aparecem de pé e acima do Senhor (vv. 1-2); prestam louvores a Deus, cantando o *trisagion* (v. 3); o Templo se enche de fumaça (v. 4) e um dos serafins toca a boca de Isaías com uma brasa (vv. 6-7); todas estas características situam a ação dos serafins em atitude cultural diante de Deus. (Araujo, 2011, p. 251)

Arcanjos

Na concepção do AT, os Arcanjos são entidades angélicas aos quais são atribuídas funções particulares e possuem certa individualidade.

No AT, somente em Daniel encontra-se referências a estes seres alados denominados arcanjos. A particularidade em Daniel é que o autor se refere ao Arcanjo Miguel (= Quem é como Deus?) com os títulos de: “*Miguel, um dos primeiros Príncipes*” (Dn 10,13) e “*Miguel, o grande Príncipe*” (Dn 12,1). (Araujo, 2011, p. 252)

As narrativas Bíblica do AT, habitualmente, fazem menção a outros dois arcanjos chamados de Gabriel (=homem de Deus ou Deus é forte) e Rafael. Gabriel surge nas visões do profeta Daniel como “um que tem aparência humana” e vem explicar ao profeta o significado das visões (cf. Dn 8,16;9,21). Em Dn 8,16, Gabriel aparece “de pé” diante de Daniel, enquanto em 9,21, ele aproxima-se do profeta “num voo rápido”.

Existe uma diferença substancial entre as referências sobre o Arcanjo Gabriel no AT e no NT. Enquanto na profecia de Daniel, o Arcanjo Gabriel tem a função de desvendar o mistério das visões, no NT o arcanjo aparece com a função de portar um anúncio divino. Além disso, em Daniel, Gabriel aparece como “um que tem aparência humana” e em Lucas, ele aparece com a denominação de “anjo” (cf. Lc 1,11.13.18-19.26.30.34-35.38) e “de pé” do lado direito do altar (cf. Lc 1,11). (Araujo, 2011, p. 253)

Quanto ao Arcanjo Rafael (=Deus cura), ele aparece somente no livro de Tobias. Tb 3,17 diz que “*foi enviado Rafael para curar*” e em 5,4 o autor diz ser ele um anjo “de pé”. Contudo, em Tb 12,15 diz claramente: “*Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre presentes e têm acesso junto à Glória do Senhor*”. Em todo caso, encontramos uma característica comum, ou seja, o estar “de pé” e “diante de Deus”. Estas referências os colocam em atitude cultural diante da “liturgia celeste”. (Araujo, 2011, p. 253)

Enquanto o AT apresenta certa descrição em relação aos Arcanjos, reduzindo-os a três, Miguel, Gabriel e Rafael, a Literatura Apocalíptica desenvolve amplamente o tema, como se pode observar no Livro dos Vigilantes:

E estes são os nomes dos santos anjos que vigiam: Suru'el, um dos santos anjos – pois (ele é) da eternidade e do tremor. Rafael, um dos santos anjos, por (ele é) dos espíritos dos homens. Raguel, um dos santos anjos que tomam vingança pelo mundo e pelos luminares. Miguel, um dos santos anjos, pois (ele é) obediente em sua benevolência sobre os homens e as nações. Saraqa'el, um dos santos anjos que são (postos) sobre os espíritos da humanidade que pecam no espírito. Gabriel, um dos santos anjos que cuidam do jardim do Éden, das serpentes e do querubim. [Remiel, um dos santos anjos, que Deus pôs sobre aqueles que sobem (omitido na versão Etíope)] (LV 20)

Esta descrição do Livro dos Vigilantes permite observar como progressivamente a angeologia se desenvolve durante o período do pós-exílio, conforme se observará mais adiante.

Demônio no AT

Segundo Martin (2010, p. 657), a ideia em sua plenitude de demônio não se encontra no NT, tendo em vista que será desenvolvida a partir do segundo e terceiro século da era cristã. A expressão “demônio” é frequentemente usada em relação a algum ou todos os seres super-humanos maléficos.

No geral, seis expressões da Bíblia Hebraica parecem ter sido traduzidas para o grego como δαίμων ou δαιμόνιον: “sacrificaram a demônios [*šēdīm*] falsos deuses, a deuses que não haviam conhecido” (Dt 32,17). A palavra *šēdīm* é próxima da expressão assíria *šīdu* que designa a estátua do grande touro, algumas vezes de forma alada, encontrado diante dos palácios assírios. Alguns autores modernos concebem a expressão 𐤔𐤌𐤍 com o significado de “senhor” e poderia ter servido como divino título como Baal ou Adonai. (Martin, 2010, p. 658).

“Mas, quanto a vós que abandonais a Yhwh, que vos esqueceis do meu monte santo, que preparais uma mesa para Gad, que ofereceis misturas em taças cheias a Meni” (Is 65,11). Na versão da LXX traduziram a palavra “meni” por τύχη e “gad” por δαίμων ou δαιμόνιον. Os tradutores escolheram duas palavras gregas que também se refere à qualidades abstratas e a deuses que possuam estas qualidades. Τύχη é facilmente reconhecida como um deus enquanto δαίμων, embora não ocorra frequentemente como um nome, pode, de fato, ser usado para se referir à divindade que protege a casa. Neste último caso, os tradutores judeus tomaram uma palavra que representa um deus de outros povos para designar um ser mal.

“ali farão o seu pouso os animais do deserto, e as suas casas ficarão cheias de bufos; ali habitarão os avestruzes, os bodes ali dançarão” (Is 13,21). Menos óbvio é a razão pela qual os tradutores da LXX optaram traduzir a palavra hebraica שָׁעִיר (*šā'ir*) por δαιμόνιον. Na realidade, a palavra poderia ser traduzida por “bode, deus-bode ou demônio-bode”. Ele se refere, de alguma forma, a um ser com forma de bode que vive no deserto junto com Lilit (Is 34,14).

Martin (2010, p. 660) comenta que Is 13,21-22 apresenta certo paralelismo com 34,14, ou seja, existem algumas palavras, no hebraico, de difícil compreensão. Inicialmente, os tradutores da LXX optaram traduzir צַיִם e נִינְא por όνοχένταυροι (centauro). Leva-se em conta que o significado original de צַיִם e נִינְא não é claro.

“Nem a peste que caminha na treva, nem a epidemia que devasta ao meio-dia” (Sl 91,6). A versão da LXX traduz a frase “epidemia que devasta ao meio-dia” por δαιμονίου μεσημβρινοῦ. junto com σύμπτωμα aqui, δαιμόνιον claramente se refere a uma doença. Os tradutores judeus revelam ter ciência de que os gregos consideravam os demônios como divindades causadores de doenças e, também, a própria doença.

A última palavra hebraica ocorre no Sl 96,5 (LXX 95,5) “Os deuses dos povos são todos vazios. Foi Yhwh quem fez os céus!”. A palavra hebraica אֱלִילִים (=vazio) foi traduzida, na LXX, por δαιμόνια. Além disso, אֱלִילִים algumas vezes é traduzida por ídolo (cf. Lv 19,4). (Martin, 2010, p. 658-661)

Os antigos judeus, portanto, usavam δαιμόνιον para traduzir cinco ou seis palavras hebraicas diferentes. No contexto original do Oriente Próximo, essas palavras se referiam a diferentes tipos de seres: deuses homens-bode; seres sobre-humanos que são ou causam doenças; qualidades ou bens abstratos que também podem ser vistos como deuses, como a Fortuna ou o Destino. O que eles têm em comum, no entanto, é o de serem considerados deuses adorados por outros povos. (Martin, 2010, p. 662)

Na cultura grega, demônio podia se referir simplesmente a um deus ou uma deusa. Eles usam o adjetivo δαιμόνιον em um sentido menos pessoal para se referir ao poder divino ou à divindade de um lugar, pessoa ou coisa. Destino e Sorte eram chamados de demoníacos. Os demônios também eram considerados seres intermediários entre os deuses, ou os deuses menos elevados, e os mortais, embora às vezes fosse uma distinção importante para os filósofos e menos percebida por outras pessoas. (Martin, 2010, p. 662)

Os gregos também consideravam os demônios os espíritos ou almas dos mortos. Assim, eles podiam ser úteis ou prejudiciais. Além disso, δαιμόνιον, às vezes, se refere à própria doença. Eles temiam a possessão por um deus ou demônio, pois poderia causar loucura. (Martin, 2010, p. 662-663)

Os tradutores da Bíblia Hebraica evitaram traduzir קַלָּדַן como δαίμων, tendo em vista que uma de suas principais funções desta figura era a de intervenção, servindo como intermediário entre o deus supremo e os seres humanos. Assim, a tradução mais natural da palavra hebraica קַלָּדַן, mensageiro ou anjo, deveria ter sido δαίμων, mas os tradutores parecem evitá-la conscientemente. Em vez disso, preferiram geralmente traduzir קַלָּדַן como ἄγγελος introduzindo nova expressão técnica, com o significado de mensageiro. Além disso, eles tomaram a expressão grega δαίμων e a transformaram em nova categoria que abarcava diversas espécies de seres consideradas maléficas na concepção judaica. Assim, anjos se tornaram uma espécie de trabalhadores cósmicos e demônios, outra. (Martin, 2010, p. 664-666)

O período pós-exílico assistirá, no entanto, a evolução de demonologia, principalmente através da Literatura Apocalíptica. Surgirá uma robusta hierarquia demoníaca. Dos espíritos impuros ao início do AT se chegará à figura do ser maléfico, por excelência, chamado Diabo ou Satanás a partir do NT.

Satã no Livro de Jó

O Livro de Jó é habitualmente concebido como uma obra pós-exílica e aborda o problema do Justo Sofredor. A obra tem início com a figura de Satã, um dos membros do Conselho de Deus que pede autorização para tentar a Jó. (Mackenzie-Murphy, 2007, p. 922)

No Livro aparece uma figura chamada Satã, como parte do Conselho Divino, solicitando a Yhwh autorização para tentar Jó, descrito com um servo fiel. No decorrer da história narra-se as figuras monstruosas de Beemot e Leviatã (Jó 40,15.25). Yhwh cita os dois monstros, um da terra e outro do mar, para expressar o seu poder criador e dominador sobretudo, diante do questionamento de Jó: “Atreves-te a anular meu julgamento, ou a condenar-me, para ficares justificado?” (Jó 40,8). Leva-se em conta que o livro de Jó transita sobre a questão do justo sofredor e do ímpio que prospera. Tal problemática estaria em relação ao contexto social de época? Em todo caso, a obra apresenta a figura de Satanás que se apresenta diante de Yhwh: “No dia em que os Filhos de Deus vieram se apresentar a Yhwh entre eles veio também Satã” (Jó 1,6). A questão não deixa de ser intrigante, ou seja, quem são os “Filhos de Deus” e que é Satanás aqui na obra. Além disso, é peculiar que ambos visitem Yhwh, mas, aonde?

Para compreender tais questões deve-se ponderar que o contato de Judá com a Babilônia e, posteriormente, com a Pérsia leva a uma reelaboração da cosmogonia e na teologia judaica. Tal reelaboração é observável na concepção do próprio Deus de Israel, até então o Deus do clã, que havia libertado o seu povo e com ele caminhado, não é mais apenas um Deus maior que os outros deuses, mas o único Deus, o criador de todas as coisas. Deus que outrora participava do cotidiano de Israel se torna um Deus distante e grandioso. Neste

sentido, cabe aos seres intermediários auxiliar no cotidiano e manter proximidade. Neste contexto, o próprio mundo se torna grande. Deus é o Senhor do cosmo. O céu agora está distante. A partir desta realidade surge o mundo do meio, no qual Yhwh se encontra com seres espirituais (anjos e/ou demônios).

O Mundo do Meio

A partir do contato com o mundo babilônico e, agora, com o mundo persiano, principalmente à época de Dario I, o pensamento israelita se tornou complexo. As ideias iranianas, que começaram a ser perceptíveis no segundo Isaías e, muito mais, na Profecia de Ezequiel. A influência do pensamento babilônico e persiano sobre aquele judeu não foi uma questão fácil nos seus particulares.

Segundo Sacchi (2019, p. 127-128), algumas das influências da religião iraniana acabaram entrando na religião judaica, conforme segue:

1. 1. Tendência ao dualismo;
2. 2. Desenvolvimento da angelologia e da demonologia com amplo peso teológico;
3. 3. A ideia de que entre Deus e o homem exista um mediador de natureza divina;
4. 4. A ideia de que os corpos sejam destinados a uma ressurreição ou, pelo menos, que a vida do homem não termine com a morte.

Tais elementos, de origem persa, foram absorvidos lentamente pelo judaísmo. Estes conceitos, sem dúvida, tomarão novas proporções a partir do contato com o helenismo. Mas suas raízes já estavam lançadas.

Na atmosfera que caracterizou os primeiros tempos do retorno, o “divino” foi sentido particularmente próximo da realidade humana, motivo antigo da história de Israel, mas, agora, repensado à luz das novidades. De um lado as desventuras da guerra civil, do outro a concepção de que Deus abite nos céus, muito além das nuvens sobre as quais passava voando sobre as asas dos querubins: *“Ele inclinou o céu e desceu, tendo aos pés uma nuvem escura; cavalgou um querubim e voou, planando sobre as asas do vento”* (Sl 18,10-11). As imagens que Ezequiel via era além da visão do céu (cf. Ez 1,1). O sentido da grandeza e transcendência de Deus aumentava e comportava reflexões profundas sobre as suas intervenções terrenas.

Deus domina a história segundo um projeto bem conhecido pelos profetas antigos: “Ele que faz as Plêiades e o Órion, que transforma as trevas em manhã, que escurece o dia em noite, que convoca as águas do mar e as despeja sobre a face da terra, Yhwh é o seu nome! Ele faz cair devastação sobre aquele que é forte, e a devastação virá sobre a cidadela” (Am 5,8-9). No passado, as ações de Deus, na história, pareciam uma intervenção direta, determinado segundo a sua vontade, questão, por questão. Deus podia mudar de opinião: existia um diálogo direto entre Deus e o homem. Muitas vezes os profetas anunciaram aos israelitas a necessidade de retornar para Deus para não serem punidos. Não existia uma pré-ordem estabelecida; a presciência divina não estabelecia problemas. Agora, com Ezequiel, começa a surgir a ideia que podia existir um plano divino que ia além dos acontecimentos e que, naturalmente, fugia do controle humano.

Durante o exílio, a história do passado entrara em relação com a história futura, numa relação “tipo e antítipo”. Mas para que esta relação seja realmente válida, é necessário que, entre o “tipo e o antítipo”, se coloque a vontade de Deus garantindo o movimento. Os eventos históricos se tornam símbolos de uma vontade superior que, na verdade, trata-se de uma única realidade.

Com Zacarias o processo de esvaziamento da realidade deste mundo em favor de outra realidade, que é além deste mundo, dá um passo adiante. As vezes os acontecimentos futuros não são preanunciados através de um tipo ou de um anúncio: “Deus disse”, mas são vistos como já realizados numa ordem superior à realidade terrestre, que não é no “lugar de Deus” e não é na terra, mas um lugar que pode ser chamado “mundo do meio”. Os fatos realizados são garantias de que se realizarão na terra; porque sobre a terra ocorrem as repetições do “mundo do meio”:

E o anjo que falava comigo aproximou-se e disse-me: Levanta os olhos e olha essa coisa que se aproxima. E eu disse: O que é isto? E ele disse: Isto é um alqueire que se aproxima. E acrescentou: Esta é a sua iniquidade, em toda a terra. E eis que um disco de chumbo foi levantado: havia uma mulher sentada dentro do alqueire. E disse: Esta é a Iniquidade E recolocou-a no interior do alqueire, em cuja boca colocou o peso de chumbo. Levantei os olhos e vi: Eis que apareceram duas mulheres. Um vento soprava em suas asas; elas tinham asas como as da cegonha; elas levantaram o alqueire entre a terra e o céu. Eu disse ao anjo que falava comigo: Para onde estão elas levando o alqueire? Ele respondeu-me: Para construir-lhe uma casa no país de Senaar e preparar-lhe um pedestal, onde a colocarão (Zc 5,5-11)

A maldade, portanto, sairá de Israel, aliás, já saiu. Nesta visão, o fato, visto no “mundo do meio”, possui ainda traços velados, algo entre a realidade e o fictício. Mas, em outra visão se vê o dialogar com os anjos e Deus, no “mundo do meio”, os personagens que agem na terra:

Ele me fez ver Josué, sumo sacerdote, que estava de pé diante do Anjo de Yhwh, e Satã, que estava de pé à sua direita para acusá-lo. O Anjo de Yhwh disse a Satã: Que Yhwh te reprima, Satã, reprima-te Yhwh, que elegeu Jerusalém. Este não é, por acaso, um tição tirado do fogo? Josué estava vestido de roupas sujas, enquanto estava de pé diante do anjo. E ele falou aos que estavam de pé diante dele: Tirai-lhe as vestes sujas e vesti-o com vestes luxuosas; colocai em sua cabeça um turbante limpo. Colocaram um turbante limpo em sua cabeça e o vestiram com roupas limpas. O Anjo de Yhwh estava de pé, e lhe disse: Vê! Tirei de ti a tua iniquidade. E o Anjo de Yhwh declarou solenemente a Josué: Assim disse Yhwh dos Exércitos: Se andares pelos meus caminhos e guardares os meus preceitos, então tu governarás a minha casa e administrarás os meus pátios e eu te darei acesso entre os que estão aqui de pé. Pois eis a pedra que coloquei diante de Josué; sobre essa única pedra há sete olhos; eis que vou gravar inscrição, oráculo de Yhwh dos Exércitos. Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e teus companheiros que estão sentados diante de ti - porque eles são homens de presságio -: Eis que vou introduzir o meu servo “Rebento”. Eu afastarei a iniquidade desta terra em único dia. Naquele dia - oráculo de Yhwh dos Exércitos - convidar-vos-eis uns aos outros debaixo da vinha e debaixo da figueira (Zc 3,1-10).

O processo de acusação está para iniciar se tornando um problema para Josué se este for levado adiante por satanás. A sua salvação consiste no seguinte: Deus não o julga e nem escuta a palavra de acusação:

Não interessa, neste momento, quais foram os acontecimentos, mas somente realizar o que foi destinado. Nesta narrativa de Zacarias, a passagem entre o “mundo do meio” e a terra acontece com muita facilidade. Na narrativa que se desenvolve no “mundo do meio” está a certeza de que o tempo da ira divina contra Josué acabou. Ele é reconhecido justo e reafirmado como sumo-sacerdote. Portanto, na terra ele deve apenas continuar a ser o que era no princípio. Os acontecimentos históricos podem ser interpretados como projeções de uma outra realidade e como manifestações de Deus sobre a humanidade. A apocalíptica se coloca neta linha: compreender a história significará compreender o plano divino sobre a humanidade.

Interessante observar o fato de que Josué seja reconhecido digno de reassumir o sumo-sacerdócio através de um juízo divino que deixa transparecer um fato humano. Existe o satanás, como advogado de acusação com pleno direito de participação na corte celeste. Tal imagem também está presente no Livro de Jó.

Evolução da Angeologia e da Demonologia Primitiva

Segundo Russel (1991, p. 318), a angeologia e demonologia encontrada nos escritos apocalípticos é muito mais desenvolvida do que aquela encontra no Antigo Testamento. O contato com a cosmogonia babilônica e, posteriormente, com aquela persa florirá durante o período helênico. Leva-se em conta, no entanto, que a principal influência da cosmogonia persa, em particular, são os temas da angeologia e da demonologia.

Russel (1991, p. 319) afirma que as imagens das legiões ou falanges, organizados hierarquicamente, de anjos ou demônios, comum nos apocalipses, derivam do Zoroastrismo.

O Profeta Jeremias já fazia alusão a ideia de uma “Assembleia Celeste” presidida por Deus: “Quem, pois, esteve presente no conselho de Yhwh, para ver e ouvir a sua palavra?... Se eles estivessem presentes no meu conselho, teriam feito o meu povo ouvir a minha palavra e o teriam feito retornar de seu caminho mal e da

maldade de suas ações!” (Jr 23,18.22). Portanto, a ideia de um conselho celeste formado por anjos cuja função é cumprir a vontade de Deus, como no caso da visita a Abraão (Gn 18,1ss) ou na passagem dos “anjos destruidores” (Ex 12,23).

No período intertestamentário percebe-se um desenvolvimento no pensamento judaico, principalmente através da apocalíptica. Alguns dos elementos que contribuem para este desenvolvimento, segundo Russel (1991, p. 294-295) são a evolução da ideia de Deus e o problema do sofrimento.

Quanto à primeira questão, o conceito de monoteísmo absoluto, do qual deriva a concepção de um Deus Criador de todas as coisas, leva a percepção de grandiosidade divina. Nesta perspectiva, o Deus de Israel é agora o Deus de toda criação e, portanto, de todo o universo. Isto leva a um distanciamento de Deus. Segundo Sacchi (2019, p. 128), outrora era um Deus que caminhava com seu povo, mas, agora, é um Deus distante e “com muitas ocupações”. A proximidade entre Deus e os homens começa a ser intermediada pelas figuras angélicas, que se tornam auxiliares do agir divino.

O segundo problema era justamente o problema do sofrimento, principalmente a partir da experiência do Exílio da Babilônia. Para Russel (1991, p. 295), a resposta começa a surgir com a ideia dos anjos que haviam recebido de Deus o encargo de governo das nações e do universo físico transgrediram sua missão quando começaram a agir por vontade própria. Além disso, alguns anjos se aliaram a estes líderes rebeldes fortalecendo-os e permitindo, a eles, oporem-se diretamente a Deus. Esta rebelião angélica permitia responder ao sofrimento humano como parte de um amplo problema de um mal cósmico.

Na literatura oficial do período, ao tratar do tema do mal, surge a história de Jó. Satã, no Livro de Jó, é apresentado como um “filho de Deus” (Jó 1,6) pertencente a corte celeste, portanto, membro da Assembleia Celeste. Russel (1991, p. 294) salienta, no entanto, que Satã tem pouco ou nada das características sinistras que posteriormente serão associadas a ele.

Leva-se em conta que, além de Jó 1, outras menções à Satanás ou Satã se encontram no Primeiro Livro das Crônicas e em Zacarias. No primeiro caso, é o próprio Satã que induz Davi a recensear o povo de Israel (1Cr 21,1). No segundo caso, a figura de Satã cumpre a função de acusado de Josué diante de Deus (Zc 3,1-9).

Nos três casos, Satanás está ansioso para pôr a prova Jó, no segundo, assume nome próprio e as características que o marcam, e, no terceiro caso, acusa falsamente o sumo-sacerdote Josué.

O Livro dos Vigilantes e o Problema do Mal

O Livro dos Vigilantes pode ser datado, segundo Sacchi (1999, p. 67), por volta dos IV séc. a.C., durante o período chamado, segundo sadoquismo. Neste sentido, está numa sociedade no qual está se formando a obra Cronista e não muito posterior ao Livro de Jó.

Sacchi (2019, p. 175) sublinha duas novidades trazidas pelo Livro dos Vigilantes para a história e a religião judaica: origem sobrenatural do mal e a imortalidade da alma. Neste sentido, a preocupação central do livro é constituída pelo problema do mal.

No Livro dos Vigilantes, o mal é descrito como fruto de duas causas principais: em primeiro lugar, por contaminação e, em segundo, por revelação de segredos celestes, conforme descreve o capítulo oitavo do Livro dos Vigilantes.

Por outro lado, enquanto se desencadeia o problema do mal a partir de ideia dos anos decaídos, o Livro dos Vigilantes narra a figura dos Arcanjos que dirigem preces a Deus em favor das almas dos justos. A obra passa a apresentar a figura dos Arcanjos que possuem funções próprias: Arcanjo Uriel é enviado a Noé para anunciar a destruição da terra. Além disso, Deus ordena a Rafael prender Azazel e jogá-lo no cárcere das trevas preparado para ele no deserto, tendo em vista ser o responsável da corrupção da criação e, portanto, responsável pelos pecados. O Arcanjo Gabriel recebe ordem de destruir os gigantes que lutavam entre si. O Arcanjo Miguel recebe a ordem de prender os anjos decaídos, após os gigantes terminarem de se matarem entre si, onde permanecerão

por setenta gerações até o dia do Juízo, quando serão lançados no fogo, junto com todos os ímpios. Além disso, deve destruir as almas dos gigantes que afligiam a humanidade. (Sacchi, 1999, p. 52-53)

O Livro dos Vigilantes descreve, também, os nomes dos demônios enquanto narra a queda dos anjos. Segundo a narrativa o Líder dos Anjos Decaídos é Semyaz (LV 6,3) que convida outros anjos para um juramento de maldição no qual todos, ou seja, duzentos anjos, se unem num pacto de fidelidade (LV 6,3-6). Na sequência é descrito o nome dos “líderes de dezenas”:

E eles desceram em Ardos que é Hermon. E eles chamaram o monte de Armon, pois juraram e se ligaram uns aos outros por uma maldição. E seus nomes são os seguintes: Semyaz, o líder de Arakeb, Rame’el, Tam’el, Dan’el, Ezeqel, Baraqyal, As’el, Armaros, Batar’el, Anan’el, Zaqe’el, Sasomaspe’El, Kestar’el Tur’el, Yamayol e Arazyal. Estes são seus chefes de dezenas e de todos os outros com eles. (LV 6,6-8)

A narrativa continua informando que cada um tomou uma mulher para si, começando a procurá-las e lhes ensinando medicina mágica, encantamentos e uso das plantas. Do relacionamento nasce os gigantes. (LV 7,1-2).

Tratando do problema do mal e dos espíritos maléficos e anjos decaídos e dos Arcanjos, o Livro dos Vigilantes passa a descrever um mediador que transita entre o “mundo do meio” e o mundo dos homens, ou seja, Enoque. Ele transita entre estes mundos e livremente fala com Deus, com os Arcanjos e com os anjos decaídos, sua função será revelar aos homens os segredos do mundo do meio. De fato, Enoque viaja ao mundo do meio, onde vê, pois já existe, os lugares destinados às almas dos justos e dos ímpios, enquanto aguardam o Grande Juízo (Sacchi, 1999, p. 55). Leva-se em conta que, Enoque não é descrito como salvador, mas apenas como pacificador. Ele é um homem que surge antes da queda dos anjos, mas permanece oculto, por Deus, envolve-o num plano salvífico e colocado entre o tempo e a eternidade. (Sacchi, 1999, p. 61).

O autor do Livro dos Vigilantes sabe que o mal terá um fim, que não se trata de uma realidade futura, pois já existe no mundo do meio, onde as almas dos justos são separadas dos ímpios na expectativa do juízo (Sacchi, 1999, p. 55-56)

Na terra, os justos são expostos aos ataques dos Gigantes e dos espíritos malignos, enquanto os espíritos dos justos que já morreram estão protegidos numa caverna (no mundo do meio?), onde estão a salvo dos ataques dos maus.

O Livro dos Vigilantes não leva em consideração a História de Israel, bem como o problema do mal não está relacionado nem com a Lei e nem com a Aliança, pois o mal é anterior a estas duas instituições. (Sacchi, 1999, p. 62).

Por outro lado, a obra se insere perfeitamente no período Sadoquita, onde o tema da pureza é relevante no período de Yehud. Lógico, que as concepções de pureza são distintas. De fato, o autor da obra vê a contaminação como origem do mal. Enquanto Esdras vê a pureza como caminho de salvação para Israel. Para este, era necessário partir de uma pureza racial que contaminara Israel e levou a nação a sua desventura (Sacchi, 1999, p. 68-69).

No que diz respeito a questão da pureza, Suter publica o artigo intitulado “Fallen Angel, Fallen Priest: The Problem of Family Purity in 1 Enoch 6-16”, no qual aproxima os temas da pureza familiar com a pureza espiritual. Na pesquisa, o autor sublinha que a pureza racial de Yehud parte, em primeiro lugar, do próprio sacerdócio. Deste modo, união ilegítimas de membros do clero sadoquita tenha servido de paradigma para o desenvolvimento da origem do mal. Assim, o mal teria origem cósmica e humana como resultado da rebelião contra a ordem do cosmo e da sociedade. (Suter, 1979, p. 116-117).

Suter (1979, p. 120) evidencia que a pureza do clero era algo fundamental do qual partia a pureza do culto e de toda a sociedade, rendendo tudo aceitável a Deus. O Livro de Levíticos, principalmente o capítulo 21, evidencia a importância da pureza dos sacerdotes: “Fala aos sacerdotes, filhos de Aarão; tu lhes dirás: Nenhum deles se tornará impuro” (Lv 21,1). Tal pureza deveria ser mantida através da união matrimonial, das práticas alimentares, do serviço cultural, das oferendas e diversos níveis, que tornavam o culto agradável a Deus. Os

Livros de Esdras e Neemias reforçam o princípio da pureza social, a partir da pureza dos sacerdotes, chegando a processos radicais de dissolução de uniões consideradas ilegítimas (Esd 9-10; Ne 10,30-31; 13,3.23-29).

No livro dos Vigilantes encontra-se a seguinte prescrição:

Por que razão tendes vós abandonado o alto, santo e eterno céu; e coabitastes com mulheres e vos profanastes com as filhas dos homens, tomando esposas, e agindo como os filhos da terra, e gerando filhos gigantes? Certamente vós, vós [éreis] santos, espirituais, os viventes, [tendo] vida eterna; mas (agora) vós vos corrompestes com as mulheres, e com o sangue da carne gerastes filhos... Mas agora os gigantes que são nascidos da (união) dos espíritos e da carne serão chamados espíritos maus sobre a terra, porque sua morada será sobre a terra e no interior da terra. Espíritos maus têm saído de seus corpos... E estes espíritos se levantarão contra os filhos dos homens e contra as mulheres, porque eles procederam deles". (LV 15,3-12)

A narrativa, segundo Suter (1979, p. 122), sublinha o seguinte: os anjos não deveriam ter tomado esposas das filhas dos homens porque, com isso, a) eles se contaminaram; b) bem como, geraram filhos estranhos, e c) os anjos, em todo caso, não precisam de esposas, pois são imortais.

Suter (1979, p. 123) prossegue a reflexão tratando a figura de Enoque, surgindo como um homem, mas que é separado por Deus para realizar a missão de pacificação. Assim, aparece Enoque, um ser humano, intercedendo pelos anjos em vez de anjos pelos homens. A função cósmica dos anjos como intercessores, portanto, é paralela à função religiosa do sacerdócio. Tal concepção acaba se aproximando da Profecia de Malaquias, quando Deus se dirige aos sacerdotes dizendo: "Em sua boca estava um ensinamento verdadeiro, em seus lábios não se encontrava perversão; em paz e retidão caminhava comigo, e fazia retornar a muitos da iniquidade. Porque os lábios do sacerdote guardam conhecimento, e de sua boca procura-se ensinamento: pois ele é o mensageiro de Yhwh dos Exércitos" (Ml 2,6-7).

A aproximação entre sacerdotes e anjos também é descrita nos textos litúrgicos de Qumran no qual expressa:

Os homens do conselho de Deus, e não por mão do príncipe de [...] um ao seu próximo. Tu serás como um anjo da face na morada santa para a glória do Deus dos Exércitos [...] Tu estarás ao redor servindo no templo do reino, partilhando o lote com os anjos da face e o conselho da comunidade [...] pelo tempo eterno e por todos os períodos perpétuos. Porque [verdade são todos] os teus juízos. Fez-te santo entre teu povo, como luzeiro [que alumia] o orbe com conhecimento e que ilumina a face dos Numerosos. (1Q28b [1QSb] IV,24-27)

O resultado da questão é que, assim como os anjos envolvidos com mulheres foram expulsos do céu (LV 14,5), os sacerdotes também serão expulsos de suas funções, conforme indica Flávio Josefo (Ant. XI, 308). Escritos posteriores ao Livro dos Vigilantes desenvolveram esta ideia, como, por exemplo, o Documento de Damasco.

Considerações Finais

O AT descreve seres espirituais auxiliares de Deus atuando em favor de Israel e, por outro lado, evidencia-se a existência de espíritos malignos.

Segundo Frey-Anthes (2008, p. 41), fontes Israelitas/Palestineses não apresentam "encantamento de conjuração" para demônios. Existe algumas tentativas de encontrar elementos de encantamento em certos Salmos, mas não se encontra nenhuma fórmula ritual, permanecendo sempre na linha hipotética. As duas palavras para doenças, דָּבַח (doença) ou קָטָה (aflição), como usadas no Sl 91,5-6, são frequentemente compreendidas como deuses depostos de Israel.

Em origem, os vários anjos e demônios nos quais os hebreus acreditavam não eram suficientemente pessoais para terem nomes individuais. (Barton, 1912, p. 156). Nesta linha, Toy (1890, p. 17) explica que o AT

possui traços de antigas crenças em espíritos malignos, mas, possivelmente, ligados a crenças populares. Embora estas forças negativas tenham caráter pessoal nos textos do AT, não existe evidência de que eles eram vistos como demônios os quais podiam ser conjurados através de encantamentos quando necessário. (Frey-Anthes, 2008, p. 41)

Progressivamente, principalmente a partir do período pós-exílio evidencia-se uma evolução do tema da angeologia e da demonologia. Surgem figuras angélicas como líderes espirituais como Miguel, Gabriel e Rafael. Muitas vezes, liderando grupos angélicos como o caso do Arcanjo Miguel. Bem como surgem figuras maléficas como Satã/Satanás, Azazel, Rahab, Leviatã, Lilit, Mastema. Também muitos com função de lideranças, como no caso de Satã e sua milícia.

Leva-se em conta que, a função de líderes é desenvolvida durante o período sadoquita. Durante este período, o governo de Judá encontrava-se nas mãos, algumas vezes, de sumo-sacerdote, possuindo, assim, o poder temporal e o poder espiritual.

O acúmulo de poder pode ser uma resposta para o declínio do profetismo em Israel e sua mudança para questões escatológicas e messiânicas e não mais sociais, como era o padrão pré-exílio.

Outra possibilidade para a compreensão do desenvolvimento da Angeologia e da demonologia, principalmente de líderes angélicos e maléficos possa estar vinculado ao sistema de governo deste período.

Sendo o governante de Judá um sumo-sacerdote, tecnicamente este governa sob a autoridade de Yhwh. Uma crítica à forma de governo e respectivas discrepâncias sociais poderia soar como uma crítica à Yhwh e não diretamente ao governante e seus ministros. Leva-se em conta que o Sinédrio, em origem, era formado por sacerdotes, somente durante o governo da rainha Alexandra os fariseus passarão a fazer parte do Conselho. Conforme salientado acima, o tema da pureza será um tópico importante tanto para os sacerdotes de Judá como para os seres espirituais. Possivelmente, não podendo realizar uma crítica direta ao governo sadoquita, o tema da pureza, via seres espirituais, para contrapor decisões de um governo do tipo teocrático exercido durante o período sadoquita.

O diálogo com a Babilônia e a Pérsia permitiu o desenvolvimento da angeologia e da demonologia do período pós-exílico. Principalmente com o desenvolvimento dos temas do monoteísmo absoluto e da universalidade de Yhwh, no qual os anjos aparecem como “conselheiros” e “colaboradores” divinos. Tal universo espiritual se tornou um meio para as correntes não oficiais de Jerusalém manifestarem o seu descontentamento com o governo teocrático vigente.

Nos períodos posteriores os anjos e os demônios assumiram novas configurações. Personificação de figuras demoníacas, desenvolvimento da hierarquia angélica no judaísmo e no islamismo, bem como sua atenuação no cristianismo. Anjos e demônios passarão a fazer parte da vida religiosa, cultural e artística. Símbolos de proteção ou de medo. Eles restarão como cooperadores ou destruidores do Reino de Deus ou dos reinos dos homens.

Referência Bibliográficas

- ARAUJO, Gilvan Leite. Os Anjos na Bíblia. In: Souza, Ney de. *Teologia em Diálogo. Os desafios da reflexão teológica na atualidade*. Aparecida: Editora Santuário, 2011, p. 243-267.
- BARTON, George A. The Origin of the Names of Angels and Demons in the Extra-Canonical Apocalyptic Literature to 100 A.D. In: *Journal of Biblical Literature*, Yale University, New Haven, n. 4, p. 156-167, 1912.
- CHARLESWORTH, James H. [Prefácio de]. *O Livro de Enoque Etíope ou 1Enoque*. São Paulo, 2015.
- FREY-ANTHES, Henrike. Concepts of “Demons” in Ancient Israel. In: *Die Welt des Orient*. Vandenhoeck & Ruprecht (GmbH & Co. KG), n. 38, p. 38-52, 2008.
- MACKENZIE R.A.F. & MURPHY, Roland E. Jó. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. (org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã-Paulus, 2007, p. 921-965.
- MARTIN, Dale Basil. When Did Angels Become Demons? In: *Journal of Biblical Literature*. Yale University, New Haven, n. 4, p. 657-677, 2010.
- RUSSEL, David Syme. *L'Apocalittica Giudaica*. Brescia: Paideia Editrice 1991.
- SACCHI, Paolo. *L'Apocalittica Giudaica e la sua Storia*. Brescia: Paideia Editrice, 1999.
- SACCHI, Paolo. *Storia del Secondo Tempio. Israele tra VI secolo a.C. e I secolo d.C.* Torino: Claudiana, 2019.
- SUTER, David. Fallen Angel, Fallen Priest: The Problem of Family Purity in 1 Enoch 6-16. In: *Hebrew Union College Annual*. Hebrew Union College Press, vol. 50, p. 115-135, 1979
- TOY C.H. Evil Spirits in the Bible. In: *Journal of Biblical Literature*, Yale University, New Haven, n. 1, p. 17-30, 1890.

RECEBIDO: 28/06/2025
APROVADO: 29/10/2025
PUBLICADO: 09/12/2025

RECEIVED: 06/28/2025
APPROVED: 10/29/2025
PUBLISHED: 09/12/2025

Editor responsável: Waldir Souza